A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA FILOSOFIA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Welington Mariano da Silva

RESUMO

Introdução: Ressaltar a importância do Ensino da Filosofia na Educação Infantil, levando em consideração a evolução de crianças - 0 a 5 anos - no processo de ensino-aprendizagem, como participantes ativos, vivos e pensantes, como crianças reflexivas que sabem o que querem neste processo de tomada de decisões, em suas falas, pensamentos e ações. É necessário observar este processo para auxiliar com eficiência as suas escolhas, com registros coerentes e repletos de informações que embasem a aprendizagem destas crianças, e quem tem a formação necessária para este auxílio é o professor, exercendo o seu papel de mediador. Objetivo é dialogar com corpo docente sobre a necessidade e importância deste ensino desde a tenra idade como meio de desenvolvimento humano. A Metodologia foi levantamento bibliográfico com autores pertinentes que possibilitaram um diálogo sobre a importância da disciplina na educação de bebês e crianças. O Resultado que a pesquisa chegou foi que é possível educar crianças pequenas com o apoio da filosofia pensando na sua autonomia de indivíduos pensantes. Porém, as Considerações Finais é que nem sempre isso acontece, algumas vezes por insegurança do professor em relação ao conteúdo/ ou aluno, por falta de domínio ou comodismo do professor. E que é necessário um intenso processo de formação continuada.

Palavras-chave: Filosofia, Educação Infantil, Professor Mediador, Registros.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, o intuito é trazer à tona a necessidade de se trabalhar a filosofia desde a mais tenra infância, para ser algo familiar, do cotidiano da criança. O ato de pensar, de refletir sobre suas ações, seus pensamentos e suas atitudes é primordial para as crianças, em todas as fases de sua escolarização, em especial na Educação Infantil, o primeiro passo da criança rumo à vida escolar. Contudo, faz-se necessário conhecer a criança em sua individualidade e coletividade, saber aquilo que ela pensa, sente como se relaciona. Tudo isso interfere no ensino-aprendizagem.

É essencial ter esse olhar atento às necessidades do educando, levando em consideração que são crianças de 0 à 5 anos e que são muito intensas e agem com muita vitalidade, além de estarem se desvinculando dos laços familiares (primeiro grupo social ao qual são pertencentes) para adentrar um novo grupo social (a escola, a sala de aula). Esse momento de transição deve acontecer de uma forma tranquila e harmoniosa para não causar contratempo ou distanciamento da criança em relação a este novo espaço em que está inserida.

Neste novo ambiente, a escola, a criança terá contato com outras crianças e com outros adultos, aqueles fora do seu convívio familiar, assim criando meios para conviver e compartilhar momentos com outros. Lembrando que em todo momento há aprendizagem.

O professor é o grande mediador neste processo escolar. É ele que intervém dentre as expectativas das crianças, quem faz os ajustes necessários para que a intenção do conhecimento seja atingido, quem organiza o tempo e espaço no dia-a-dia da turma, buscando diálogos coerentes com cada criança. Esse intermédio realizado pelo educador é o que fomenta a importância do ensino da Filosofia nas Unidades Infantis, não como disciplina estipulada por um currículo para esta faixa etária, mas sim como atitudes e ações de um educador ousado e incansável na prática da eficácia do ensinar, refletida na ação do pensar. É este professor quem faz a diferença num sistema educacional no Brasil nos dias de hoje.

A busca pelo conhecimento e a maneira de compartilhá-lo são as ferramentas necessárias para instrumentalizar o ofício do professor. É ele quem irá direcionar o olhar do educando numa perspectiva social, política, moral, filosófica, humana e sentimental.

2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA FILOSOFIA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante muito tempo, o pensamento infantil foi deixado de lado como algo sem significado, sem importância, como bobeira e infantilidades. Nunca como algo que agregasse algum significado, com um contexto, ou seja, era o mesmo que dizer que no mundo infantil não havia uma coerência das ideias, uma estrutura do modo de pensar, e essa negligência do pensar tem se perpetuado até hoje. Porém, isso não é verdade. Toda criança é um ser pensante, dotado de inteligência, vontades e desejos, que pensa e raciocina e é capaz de criar uma rede de pensamentos: com estrutura, coerência e coesão. O que acontece é que a criança sempre é comparada com o adulto, e no mundo do adulto tem algumas especificidades que no mundo da criança não há, pois as prioridades são diferentes.

Existem algumas pessoas que realmente não dão importância ao pensamento da criança. Dentre essas pessoas se encontram muitos professores e pais, entre outros. Logo, muitos pais não sabem o que os filhos pensam, o que sentem, o que desejam. É de extrema importância estabelecer sempre um diálogo coerente com a criança desde a primeira infância para que esta relação de intimidade e confiança cresçam estimulando a entender-se, a entender o outro e assim entender o mundo.

Na escola faz necessário intervenções diárias no pensamento do estudante. O professor precisa conhecer o seu aluno, saber o que ele já sabe e aquilo que necessita saber, ou seja, o que ainda não domina. Este conhecer se dará por meio da observação e do diálogo com intervenções contundentes. Sendo assim, é muito importante dar voz e vez para as crianças, ouvi-las, saber o que pensam e dessa maneira questionar a sua forma de pensar, causando uma reflexão sobre aquilo que foi dito/pensado,

com isso gera um novo pensamento ou outros processos do pensar, trazendo novas formas e estruturas de pensamentos. Há uma necessidade de quebrar o estigma de uma forma de pensar linear, única e moldada, pois cada indivíduo pensa de forma diferente. Partindo do pressuposto que os pensamentos são diferentes, únicos, individuais e ao mesmo tempo múltiplos, cada indivíduo é um ser plural e não singular. Assim, existem muitas coisas armazenadas no inconsciente que precisam vir à tona para dar vida à reflexão.

Dewey vê na escola o espaço de construção do pensamento do aluno (…) e atribui à Filosofia, como disciplina que, por excelência, cultiva o pensar e problematizar a experiência, com a qual compartilha suas finalidades, promovendo o enriquecimento da experiência e seu questionamento; já Lipman, postula o interesse das crianças como o ponto de partida de toda investigação nas salas de aula. Assim sendo, a Filosofia para crianças seria o produto da interação entre os interesses, problemas e inquietudes das diferentes faixas etárias (BARREIRA SANCHEZ, 2018). Com isso, há uma necessidade da ampliação dos espaços de diálogo, com uma intencionalidade, que estimule e faça essa criança pensar suas ações no espaço comum, mesmo que ainda não exerça um pleno domínio sobre este espaço, mas age sobre o mesmo, transformando-o continuamente, ou seja, pensar-repensar-pensar é uma maneira de iniciar essa criança na tomada de decisões trazendo a tona seus anseios e vontades, para que resolva seus problemas de forma individual (decisão unilateral) ou coletiva (decisão tomada a partir do pensar e ouvir outros atores envolvidos - amigos/educadores/ele - não necessariamente nesta ordem ou com todos estes envolvidos).

No mundo da criança, em especial no âmbito escolar, há uma padronização de comportamento onde o "bonzinho" é aquele que fica "quietinho", que não se expressa e nem expõe sua forma de pensar. É um ser ouvinte e mais nada, passivo intelectualmente, sem expressões intelectuais próprias, uma mera reprodução de um sistema castrativo e intelectualmente falido. Com esses padrões, convencionalmente moldados, temos um pensamento homogêneo e limitado que facilitam a vida de alguns professores, que preferem que a sua turma esteja uniforme: um atrás do outro, com um olho na nuca do colega da frente e o outro nas linhas do caderno, não necessariamente que argumente ou contraponha o pensamento dominante do "único ser pensante do processo" – o professor. Parece que este modelo de rotulação é do século passado, mas engana-se quem pensa isso, é muito atual, e digo ainda, dominante em muitas escolas no Brasil hoje, onde lousa, giz e cartilha são recursos mais inovadores pensados por indivíduos limítrofes.

Não estou dizendo que com este meio metodológico não se aprende, é possível sim. Quero que fique claro que é necessário que se mude o paradigma de como ensinar. Um ensinar pautado na reflexão, não apenas de um conceito, mas também em ações práticas do cotidiano, resolução de problemas, compartilhamento de opiniões, o saber ouvir/escutar, o saber falar, a empatia e o companheirismo, atitudes inovadoras que causem reflexões, ações e reflexões em cada indivíduo. Ou

seja, pensará numa coisa, criará estratégias para colocá-la em prática, depois que o processo estiver concluído, pensará novamente: “Como poderei aperfeiçoar essa ação? Quais são os meios que precisam melhorar? Algo foi deixado para trás? É necessário alterar a ideia inicial?”. Essas perguntas farão toda a diferença neste processo de aprendizagem, nos abre caminhos para construção de novas ideias. O nascimento de novas ideias coerentes são resultantes de novos pensamentos e novas maneiras de aprender, ressaltando que não existe uma única maneira de aprender como não existe uma única maneira de ensinar.

De acordo com Lipman, a transformação numa Comunidade de Investigação com a Participação Ativa de crianças e professores no diálogo sobre os problemas em questão, ou seja, conceitos de fundo de nossa existência, aqueles que são centrais, comuns e controversos “o diálogo filosófico é a pedagogia do pensar bem, isto é, um pensar crítico, criativo, ético e político”.[1]

Deste modo, o pensar é a ampliação do desenvolvimento cognitivo dos estudantes por meio de discussões de assuntos filosóficos, trazendo-o para uma reflexão significativa, pautada no diálogo e na construção de ações destes significados. Trocando em miúdos, é o mesmo que colocar em prática o que foi aprendido. E esse pôr em prática não exclui a ação do pensar, pois a elucubração filosófica também é uma ação.

3 A FUNÇÃO DO PROFESSOR - MEDIAR CONTINUAMENTE

Não venho com este trabalho defender a incorporação do Ensino da Filosofia na grade curricular do Ensino Infantil, e sim dizer que ela é importante para o desenvolvimento integral de toda criança, em especial na primeira infância. Logo, não descarto que a incorporação seria de grande valia para o ensino de uma maneira geral e específica. E também não descarto a ideia que o termo Filosofia causa no professor um certo desconforto, para alguns é algo chato e maçante e, para outros, complexos de ser tratado com crianças. A ideia não é minimizar o que a criança sabe, mas possibilitar uma expansão do aprendizado numa magnitude macro de conhecimento.

Como colocar o Ensino da Filosofia em prática? Como havia dito, não se faz necessário a implementação inicial desta disciplina no Currículo Infantil, porém, o papel do professor é muito importante neste processo. É ele quem irá fazer as junções das linguagens adequando-as à realidade de sua turma. O professor é um pesquisador da Educação, aquele que consegue amarrar os conhecimentos, uni-los, fundi-los para que a apropriação do aprendizado aconteça. Observar a criança é o primeiro ponto. Desta maneira, veremos como a criança pensa, quais atitudes ela tem ao brincar, ao se relacionar com os outros, com os brinquedos/materiais pedagógicos, escutar/ouvir as comandas, os colegas e outros agentes envolvidos neste processo. Maria Carmen Silveira Barbosa e Maria da Graça Souza Horn afirmam que:

> *"organizar o cotidiano das crianças da Educação Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. É importante que o educador observe o que as crianças brincam, como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Este conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. Ao lado disto, também é importante considerar o contexto sociocultural no qual se insere e a proposta pedagógica da instituição, que deverão lhe dar suporte."* (BARBOSA; HORN, 2001, p. 67).

O professor vendo isto, tem condições de planejar propostas desafiadoras aos estudantes, colocando em xeque aquilo que eles já sabem e aquilo que ainda precisam aprender, fazendo-os refletir sobre as atitudes/decisões que tomaram e que precisam ser repensadas para nascer novas abordagens do pensar. Sendo assim, a prática do pensar-repensar-pensar desde o início da escolarização faz com que a qualidade de ensino melhore porque teremos alunos mais reflexivos, que são mais atuantes em abordagens do pensar, na reflexão e na prática desta ação. A principal ação é dar significado à aprendizagem dando mais qualidade ao ato de ensinar. O pensar na forma de ensinar é um ato filosófico do professor, assim como o ato de aprender, que acontecem simbioticamente e não desconexo um do outro. Neste sentido, o ato de ensinar ocorre simultaneamente ao ato de aprender, ou seja, somos todos aprendizes deste processo, adultos e crianças.

Com isso, segundo MORAIS E SILVA, para filosofar, as crianças precisam receber estímulos que despertem sua vontade de agir, questionar e refletir sobre os valores morais, éticos e estéticos. Nesse sentido, o papel do professor em sala de aula torna-se de grande importância, pois cabe a ele fazer com que os alunos participem cada vez mais, desenvolvendo assim atividades que proporcionam a interação entre as crianças e estimulem a curiosidade para desenvolver sua capacidade de pensar, de imaginar, tanto no aspecto afetivo, quanto no aspecto moral e intelectual (MORAIS; SILVA, 2018). Este processo da aprendizagem acontece também no ouvir a criança, no compreender/entender aquilo que foi dito por ela, que em muitos aspectos passam despercebidos e nos trazem inúmeras informações para os próximos desafios que podem ser trabalhados. Quando o professor pára para ouvir a criança, este relacionamento cresce na intimidade e na percepção da necessidade um do outro, logo os dois crescem como sujeitos de transformação do ambiente social/coletivo.

Lipman afirma que *"as crianças devem ter a possibilidade de experimentar a vida num contexto de respeito mútuo, de diálogo disciplinado, de investigação cooperativa, livre de arbitrariedade e manipulação"*, contexto este que é o que ele idealiza como sendo uma classe de filosofia para crianças, uma "comunidade de investigação" (LIPMAN, 1990, p. 67). Logo, o professor é o mediador deste processo, é quem organiza e propõe situações efetivas para que a criança possa executar aquilo que foi aprendido, proposto e pensado por um adulto, isso não anula a hipótese de a criança também propor alguma sugestão, uma ideia de brincadeira ou uma fala pontual neste ambiente, assim nascerá a possibilidade de um projeto e/ou atividades. Eles são muito criativos e cabe ao

professor estar atento a estas especificidades, ter uma escuta atenta para as necessidades da criança. Além de não desconsiderar a importância do papel do educador, pois esta é uma relação de protagonismo compartilhado, ou seja, tanto o educador quanto o educando exercem uma função fundamental para que a aprendizagem ocorra. Sem dúvidas podemos empregar diversos adjetivos a esse protagonismo todo como sendo: facilitador, incentivador, motivador e colaborador. Sendo assim, ele colabora para que o aluno alcance seu objetivo, participando deste processo integralmente.

Pensando nisso, cabe considerar todos os envolvidos neste processo pedagógico, o professor não está sozinho e existem outros atores participantes, como: o quadro de apoio, a gestão escolar, o coordenador pedagógico e as famílias/comunidade. A Filosofia é base para a vida e o questionamento deve nascer espontaneamente, assim como suas conclusões e seus meios de pensar.

As escolas de Educação Infantil têm na organização dos ambientes uma parte importante de sua proposta pedagógica. Ela traduz as concepções de criança, de Educação, de ensino e aprendizagem, bem como uma visão de mundo e de ser humano do educador que atua neste cenário. Portanto, qualquer professor tem, na realidade, uma concepção pedagógica explicitada no modo como planeja suas aulas, na maneira como se relaciona com as crianças, na forma como organiza seus espaços na sala de aula (HORN, 2004, p. 61). Afirmo que todos são participantes ativos de momentos - escola, alunos, família.

Logo, este processo de reflexão leva todos os envolvidos a participar de forma colaborativa, pois todos são agentes da Educação. Ao professor, cabe ser o organizador deste ambiente escolar e utilizar as estruturas da escola e materiais pedagógicos para auxiliar a aprendizagem embasado na concepção de criança da U.E. e a sua proposta pedagógica, que servem de alicerce para o desenvolvimento formativo da criança. O professor deve ter clareza em suas ações, saber o que de fato quer, onde está e para onde irá, desta forma a transparência do ensino-aprendizagem, na eficácia da atitudes pedagógicas aparecem porque priorizam as estratégias onde a criança é o eixo da aprendizagem - o protagonista - compartilhando esta função com o próprio professor como o par produtivo desta relação. Isto quer dizer que é de extrema importância o engajamento do professor na formação do educando seja no nível escolar que for, neste caso, a Educação Infantil. Professores motivados aguçam a vontade do aprender, produzem alunos motivados e retornam para a sociedade indivíduos motivados, criativos e inovadores.

O papel da Filosofia na ação do profissional de Educação, que não possui formação de graduação em Filosofia, é impulsionar a curiosidade pelo saber com estratagemas de forma de apreensão do conhecimento, apropriação do que está sendo ensinado/aprendido, dessa maneira levará o educando ao pleno domínio do que está sendo ensinado, com prazer, docilidade e envolvimento (atuação). A Revista Magistério, n°4, diz que: *"Não podemos ter nenhuma dúvida sobre o que a*

criança deve aprender. É a partir desta clareza que conseguiremos reunir os meios para que isso aconteça."

Um desses meios é a constante busca do educador em aprender, por meio de boas leituras, filmes, participação de meios culturais (exposições, cinemas, concertos, shows, teatro, entre outros) e cursos diversos. Mas, o que considero de suma importância é o olhar do professor em se auto-avaliar, como formador e formando, em tempo constante e integral, pois a cada segundo aprendemos novas coisas e assim, aprendemos como ensinar novas coisas. O olhar do professor em se auto-avaliar é de valor imponente, pois é ele quem determina o quanto e o como está sendo a atuação deste profissional, a sua capacidade para digerir novos conhecimentos e a abertura para o "novo" (aluno, conhecimento, atualidade, comunidade e escola, mundo, a si mesmo).

A auto-avaliação é uma atividade permanente que deve acontecer constantemente. Assim, a avaliação do seu trabalho deve ser feita por meio de avaliação dos alunos, são eles que te darão a eficácia da metodologia que está sendo utilizada ou de que forma que esta metodologia está sendo inviável na sua aplicabilidade (REVISTA MAGISTÉRIO, n°4). Alípio Casali afirma que: *"Vale recordar que avaliar é 'estabelecer a valia, o valor (...), determinar a quantidade e a qualidade (...), apreciar o mérito, o valor de; estimar'"* (HOUAISS, 2001). Neste sentido, consideramos que avaliar, de modo geral, é saber situar, cotidianamente, numa certa ordem hierárquica, o valor de algo enquanto meio (mediação) para a realização da vida do(s) sujeito(s) em questão, no contexto da vida social, dos valores culturais e, no limite, dos valores universais. Em nosso caso, o valor em questão é o conhecimento, o conjunto de outras experiências que a Escola oferece e as vivências que ela propicia. Pensando no aluno concreto, para que ele possa seguir com êxito em seu processo de aprendizagem, é preciso que ele saiba situar se: a) no espectro do conjunto de conhecimentos que o professor ofereceu ao seu conjunto de colegas: supõe-se que esse conjunto de conhecimentos seja relevante e útil para que o aluno possa, apropriando-se dele, ter êxito no seu percurso de formação de modo a poder ocupar na vida em sociedade um lugar merecido e uma função com a qual se identifique; b) comparativamente no gradiente hierárquico que espelha o rendimento do conjunto e de cada um de seus colegas de turma: estar na média, acima da média ou abaixo da média; c) na zona de seu desenvolvimento proximal pessoal, dentro da qual o próprio aluno perceba as limitações e as possibilidades de uso dos seus talentos como medida de sua aprendizagem.

Dentro deste quadro, o rol de competências que o professor elencou como sendo o conjunto de conhecimentos próprios daquela etapa de aprendizagem há de ser uma referência a ser respeitada a priori; mas isso não isenta o professor da obrigação de justificá-lo no espectro de outros conhecimentos possivelmente úteis que alimentam o processo produtivo da sociedade naquela conjuntura histórica. Supõe-se também que o professor, ao justificar tal rol de conteúdos que ele selecionou, não tenha no

horizonte uma visão da pessoa do aluno reduzida a “apenas um profissional a mais no mercado de trabalho”.

Logo, este avaliar é uma consequência de todo o processo tanto do aluno quanto do professor. E de qual forma deve ser feita esta avaliação na Educação Infantil? Sabemos que não há nenhuma espécie de retenção nesta etapa. Sendo assim, não há necessidade organizar calhamaços de prova ou trabalho, caderno de recuperação, “cartilhamento” ou de alfabetizar, não que isso não seja importante, é, mas não nessa etapa curricular. Está mais que comprovado que a criança aprende por interação e brincadeiras bem direcionadas. A avaliação deve ser registrada, sequenciada e narrada de várias maneiras. Assim, (REVISTA MAGISTÉRIO n°4) nas Unidades Educacionais de Educação Infantil, a documentação pedagógica é usada para registrar os processos, situações e experiências vividas pelas crianças nas interações que elas estabelecem entre si, com os educadores, com os materiais e ambientes nos quais convivem diariamente e que possibilitam a elas inúmeras aprendizagens. Para realizar a documentação pedagógica podemos recorrer a vários registros que estão disponíveis no dia a dia do CEI e da EMEI, como os relatórios descritivos individuais e do grupo, portfólios individuais e do grupo, fotos, filmagens, as próprias produções das crianças como desenhos, esculturas, maquetes, etc. Esses registros, transformados em documentação pedagógica, assumem uma enorme importância, pois ajudam a consolidar o processo pedagógico, promovem uma reflexão sobre a que os bebês, meninos e meninas estão se dedicando, o que estão descobrindo, com o que estão se maravilhando, enfim, o que estão aprendendo.

Fica uma pergunta: Quando registrar? E a resposta é simples: O tempo todo. Este é o olhar atento do educador que norteará toda a forma de aprender do educando, será por meio dos seus registros que o educador dará vida à aprendizagem da criança, ancorado em suas falas, seus sentimentos, atitudes, percebendo o que ela de fato aprendeu e o que falta aprender.

Tudo isso se dará por meio do diálogo claro entre professor e aluno, valorizando a individualidade de cada um como ser único, assim será mais fácil para o educador delinear atividade para o aprimoramento de suas capacidades individuais, pensando nas intervenções necessárias para que o conhecimento aconteça de maneira lúdica e reflexiva. Neste momento, é potencialmente favorável, para que as discussões filosóficas surjam nos Centros de Educação Infantil, onde, por meio de análise de seus registros os educadores poderão propor ações e estratégias para fomentar novas atitudes e analisar futuros passos. Com isso, o questionamento nasce gradativamente e a aprendizagem também.

Sendo assim, o professor se torna um agente transformador em sua própria ação filosófica, pois é o arquiteto de atitudes que busca ferramentas para aguçar e estimular a aprendizagem, planejando e revisando seus saberes e adequando aos saberes coerentes ao do educando, por meio de boas intervenções pontuais e contundentes com a realidade de cada criança. Mesmo porque nenhuma

criança aprende da mesma maneira que a outra são indivíduos singulares e coletivamente plurais. Por isso, a observação e a escuta atenta é primordial para que a criança, na Educação Infantil, avance em sua busca pelo conhecimento.

Por isso que é de grande valia que professores utilizem essa área de reflexão como método de trabalho: “Se penso, logo existo.”, como dizia Descartes. Logo, a ação de pensar torna uma atividade inata para a existência do ser “homem”. Com isso, essencial para toda a raça humana. É inconcebível que alguns homens não explorem essas atividades de maneira intensa, ficando sempre à margem e com pensamentos superficiais, pois se ele não pensa, deixa de lado a sua suposta existência ou inexistência, sendo assim facilmente dominado por outros seres que atuam de modo a escravizar povos não-pensantes. Com isso, reforço a necessidade de professores pensadores que são inquietos em seu agir, na ação de pensar e que essa inquietude transforme-se em força para ir atrás de novos pensamentos e esses pensamentos se transformem em novos pensamentos, fazendo uma nova reflexão da ação do pensar, constante e dinâmica. É o ato de pensar-repensar-pensar que deve ser colocado à frente de toda tomada de decisão, seja ela qual for. Desta maneira incentivada, a criança (desde sua primeira infância) tornará essa ação como algo inerente dela, própria, uma atitude do pensar. Sabendo que para cada palavra existe um significado e muitos outros significados dentro de um contexto que está inserido este significado. Com isso, refletir sobre o significado de ações e atitudes, falas, imagens, escritas são estratégias para desvendar muitos significados e dar vida ao pensamento criativo e filosófico da criança.

Acredito que muito mais que trabalhar conceitos filosóficos como algo decorativo, maçante e cansativo para as crianças é a oportunidade de deixar a criança se expressar como indivíduo, como pertença de uma sociedade, e que assim como eu e você, são agentes transformadores e o futuro promissor desta mesma sociedade. É quando uma criança se expressa, seja por meio da fala ou da escrita, ou de inúmeras maneiras que esta quiser se expressar, que observa o outro, se observa, se ouve, digere o seu pensar, contrapõe o seu pensar e assim reflete sobre o que foi pensado e dessa forma cria um novo pensar ou novas formas de pensar. E ainda mais, se houver debate, discussão ou diálogo, entre duas partes envolvidas ou mais, é um enriquecimento humano, cultural e filosófico inestimável, pois existem aí, diferentes formas de pensar, diferentes maneiras de ouvir e de se ouvir, diferentes maneiras de se observar e de observar o outro ou os outros, diferentes maneiras de digerir o que foi citado ou pensado, diferentes maneiras de contrapor o que foi pensado e de contrapor o seu pensar, e assim criar reflexão seja ela de maneira individual, única, singular ou coletiva, compartilhada, plural, isto é, cria novas oportunidades e formas de pensar, diferentes do convencional. Trata-se de dar voz e vez para a criança, representatividade e legitimidade à sua ação, que foi e é única em todas as ações já existentes no universo.

Resumindo, é muito importante deixar a criança se expressar e contrapor seus pensamentos, fazendo-a refletir sobre a sua prática, permitindo a criação e o confronto de suas ideias e opiniões, isso é saudável, estou me referindo a essa prática para a Educação Infantil.

Nas falas das crianças existem muitas riquezas, e nos mostra um monte de possibilidade de intervenção. Um exemplo: Foi organizado uma roda de conversa, onde o professor iria apresentar a próxima atividade, que seria uma pintura com tinta guache e pincel fino na parede. E o professor indaga as crianças (2 anos e 6 meses) sobre nome das cores:

> _ Que cor é essa? - pergunta o professor, mostrando a cor preta.
> _ Peta - diz o "Arthur". E os outros repetem o que ele diz. Alguns começam a fazer colocações sobre a cor, ressaltando que é o apelido do irmão, a cor do cachorro, a cor do carinho. O professor apresenta outra cor, esta é a azul. E faz a mesma pergunta que realizou na primeira cor.
> _ E essa cor? Alguém sabe?
> _ E cor de menino - respondeu sem titubear "Maria Clara" - só menino pode gostar dela!
> _ Azu - diz "Arthur" empolgado.
> Ao observar a fala de Maria Clara, o professor emenda uma pergunta para a menina:
> _ Tem cor de menino? Quer dizer que uma menina não pode usar azul?
> _ Mamãe falou que "azu" é de menino, e é bonito, mas é do menino. E não é da Maria. - Maria Clara reproduz a fala da mãe.
> _ Mas no seu tênis tem uma cor azul e ele não é de menino, você é uma menina. Então azul, é cor só de menino? - continua o professor insistem na indagação feita pela Maria Clara.
> O professor apresenta outras cores para as crianças. E por fim, apresenta a cor Rosa.
> _ É a minha cor - grita em polvorosa Maria Clara.
> _ A minha também - responde o professor com a mesma alegria, testando a reação da menina. E ela retruca.
> _ Mas não pode! Essa cor é da Maria, a Maria é menina, é cor de menina. Você é homem, homem não gosta desta cor, é azul que homem tem que gostar! - responde Maria espontaneamente. O professor continua.
> _ Quer dizer que só podemos gostar de uma cor apenas? Não posso gostar do verde e nem do branco? Eles são tão bonitos? Conheço muitas meninas que ama outros tons de azul. Tem ursinho azul, e brinquedos de meninas que são azul, que dizer que as meninas não podem brincar com eles por que são azuis? - o professor levanta vai até a estante e pega um boneco da "smurfette" (uma boneca azul, é a cor de pele do brinquedo), e diz:
> _ Você não quer brincar com ela? É tão legal.- outras meninas dizem que podem e pedem para brincar com a boneca. E o professor emenda:
> _ Todas as cores são de meninas, assim como são de meninos, vocês podem utilizar todas as cores que quiserem e pode até misturá-las, se quiserem.
> Em seguida encaminhou as crianças a atividade que havia sido preparada.

Percebe-se que há muita riqueza na fala das crianças e que ela pode direcionar todo o nosso trabalho, neste exemplo fictício acima, podemos ressaltar masculinidade x feminilidade; por que existem coisas de homens e coisas de mulheres? ; todas as cores possuem beleza; os meninos podem brincar com os brinquedos que eles quiserem, assim como as meninas; podemos abordar esta temática numa reunião de pais colocando o vídeo ou texto da criança; em cima desta demanda podemos criar uma infinitude de atividades para permitir que esta criança desmitifique esta inverdade que aprendeu em casa e reproduza ensinando a própria família.

Outro exemplo que pode ser dado é na hora da alimentação. Cada criança tem sua preferência singular pelos alimentos e cabe ao professor observar essas preferências e oportunizar a cada uma a

experimentação desses alimentos, com atividades pontuais e direcionadas rumo a atingir cada criança. Se for ofertado na escola: arroz, feijão, beterraba, abobrinha e filé de peixe – prato que muito não comem em casa, logo a falta de hábito pode gerar uma repulsa. O professor fala:

> _ Hoje teremos arroz, feijão, beterraba, abobrinha e filé de peixe. Aproveitem e degustem o sabor de todos os alimentos. São bem nutritivos e bem saborosos. Pode comer devagar e não precisa ter precisa.
> Uma aluna (iremos denominá-la de Maria Clara) observar o prato e empurra, faz uma cara de novo e diz:
> _ Eu não vou comer isso, eca!
> _ Por que eca? Esta uma delícia _ retruca o professor.
> _ O peixe tem um cheiro muito ruim, me dá nojo, eca _ eca _ eca. Completa Maria. O professor emenda uma resposta a criança.
> _ O peixe foi lavado, temperado, aquele cheiro não existe mais. Já sentiu o sabor que ele tem? Te garanto que é bem diferente o sabor do cheiro. Tem vários coleguinhas seus experimentando, porque não faz teste?
> _E se eu não gostar? _ continua Maria
> _ Pode deixar no cantinho do prato. Mas ressalto que seja importante degustar todos os alimentos que estão no prato.

Nesse pequeno dialogo podemos observar vários assuntos para trabalhar com as crianças em sala como: a coloração dos pratos; o valor nutricional; quais são os tipos de alimentos que fazem bem a nossa saúde; tocar o alimento e conhecê-lo antes de comê-lo; descobrir como nascem e como são preparados. Dar significado a este momento de alimentação. Indagar o porquê não gostam, se já experimentaram, se é comum utilizarem estes alimentos em casa; qual é a origem deste alimento. São assuntos inesgotáveis por meio da observação atenta do educador e pela escuta atenta às necessidades da criança, que anseia por aprender. Com isso, ao digerir um alimento, ela irá refletir o motivo real que esta comendo este alimento, há significados, e é nisso que poderá pensar, sê tiver uma boa intervenção feita pelo professor.

Essa prática também acontece através da reflexão, do ato de pensar. Que deve ser uma constante em sala de aula, e afirmo que esta criança, não saiu desta aula a mesma que entrou. O papel do educador é imprescindível nesta intervenção e ouso dizer durante todo o tempo.

Contudo, cabe o professor pensar nas diferentes formas de atuar, pois nem todos se expressam da mesma forma e maneira, uns são mais introspectivos e outros mais extrovertidos, uns têm mais habilidades em humanas e outras em exatas, e assim por diante. Este jogo de cintura do educador é o que dará rumos diversos em uma mesma sala de aula, são maneiras diferentes de ensinar o mesmo conteúdo, formas diferentes de olhar uma mesma ação, por isso o registro me possibilita avançar na minha prática, priorizando a individualidade de cada criança dentro da minha ação pedagógica. Este olhar também deve ser olhado por outros olhos, com de outros agentes envolvidos neste processo: coordenador pedagógico (gestão escolar), outros professores, quadro de apoio e a família, são os feedbacks destes outros olhares que impulsionarão novas ações do pensar pelo professor, e assim o pensar-repensar-pensar ganham novas roupagens.

4 CONCLUSÃO

Mais uma vez, afirmo a importância da aplicação da Filosofia na Educação Infantil como objeto essencial para o futuro da Educação, sendo esta etapa primeira na vida da criança e se bem trabalhada, ajuda no avanço da aprendizagem nas próximas etapas do ensino do educando. Sendo o professor um pesquisador e o grande agente de transformação deste conhecimento para que chegue acessível às crianças, sem exceção, ressaltando que possuem de 0 à 5 anos de idade.

Muito mais importante que estabelecer conceitos pré-definidos por algum estudioso e/ou pensador filosófico, é entender que são crianças e não limitá-las quanto ao conhecimento, não digo trabalhar conceitos de Platão ou Sócrates, e sim através do seu cotidiano, do dia a dia, refletir sobre suas ações, seus pensamentos, suas atitudes, seus relacionamentos, suas falas, seu corpo e o contexto social em que estão envolvidos. Logo, é um ato diferente de fazê-la enxergar que é um ser pensante, vivente, dotado de inteligência e razão, desde os primeiros contatos com o ato de pensar.

Por isso reforço o "estar atento às necessidades das crianças", de olhar sua individualidade, de observar como se relaciona com o outro, que é diferente como se relaciona com um terceiro, suas afinidades, suas inseguranças, seus medos, seus sonhos. Traduzindo, saber o que a criança de fato quer, onde está e até onde consegue avançar. Lembrando que eles não param e são incansáveis em seu brincar e nas suas "meninices", expressando ali várias características de suas personalidades. Assim, aprendem naturalmente consigo mesmo e com os outros envolvidos nesta atividade (crianças e adultos/professores), tiram suas próprias conclusões, que nem sempre são verdadeiras e consistentes, porém se são levadas a pensar sobre a ação que foi feita, tiram valorosas compreensões. A criança não se cansa de aprender.

Dessa maneira, permitir a criação de enredo e contexto favorecem aprendizagem dos educandos, por meio de jogos simbólicos, do faz de conta, da imitação, da interação com outros elementos como: brinquedos; materiais de largo alcance ou não estruturados; tecidos de todos os tamanhos; linhas; fitas; caixas; papéis; madeira; areia; materiais da natureza (folhas, gravetos, flores,...); água, materiais riscantes, materiais sonoros (rádios, Televisores,...); materiais humanos - os colegas da turma, professores e outros agente envolvidos neste processo como o quadro de apoio e coordenadores. Dessa oportunidade de interação, a criança aprende muito ao se observar, ao observar o outro, em solucionar seus próprios conflitos e dilemas - tomar atitudes e decisões, fazer escolhas, pensar, criar soluções para resolver embaraços que foram colocados e que o colocaram, expressar suas opiniões sejam de maneira verbal ou físicas.

Com isso, se faz necessário o olhar atento ao caráter pedagógico do professor, é este olhar que irá direcionar todo o trabalho, averiguando o que cada um de fato necessita para o seu desenvolvimento no caminho do conhecimento. Primordialmente é importante deixar a criança se expressar, como já falado acima, dar voz e vez a criança, cada expressão ou fala tem um significado importante neste

processo de trocas de informações entre educador e educando. É nesse olhar/ouvir atento que o estreitamento de vínculos acontece, que a confiança se adquire e o conhecimento surge, através do Respeito pelo outro como Homem - Ser Humano -, e com esse respeito entender que todos aprendemos de maneiras e modos diferentes.

Por meio dessas interações, de observá-las e ouvi-las, será possível o confronto de opiniões e contrapor seus pensamentos, causando na criança uma reflexão no ato, pois toda ação requer uma reação, seja da natureza que for. Assim, levá-la a pensar sobre a ação que fez, esperando dela uma devolutiva, que pode ser que aconteça ou não. Lembrando que cada criança possui um temperamento diferente da outra criança e as suas respostas podem ser das maneiras mais inusitadas possíveis. Levar a criança a trabalhar interiormente ação-reflexão-ação ou pensar-repensar-pensar, pode ser um pouco desgastante ao educador, porém a eficácia do produto final do seu trabalho é magnânimo, porque terá visto uma criança questionadora e reflexiva nascer através da sua intervenção tão necessária para o processo de descoberta que faz da Educação Infantil tão importante nesta fase de escolarização.

Com isso, o ato de pensar é necessário diariamente sobre todas as ações, causando na criança uma necessidade de refletir sobre a sua prática, sobre suas ações e pensamentos corroborando no processo do outro, pois como já falamos acima, aprendemos também pela interação.

A mediação do educador é a vida deste processo de protagonismo infantil. É por meio dos seus registros diversos (escritas, vídeos, fotos, relatos, entre outros) que a possibilidade da transformação do subjetivo se tornará objetiva, clara e visível; o conhecimento longínquo se tornará palpável, perto, acessível. É o link da aprendizagem entre a teoria e a prática. É ele que detém o tempero que dá sabor à aprendizagem, como diz Rubens Alves. Existe uma riqueza muito grande dentro dos registros reflexivos, são norteadores no processo de aprendizagem e narram a realidade e a história desta criança inserida neste processo.

Defendo a ideia do pensamento não linear, sem estar preso a estereótipos, pautado numa unicidade absoluta do pensar, não! O pensamento é livre, é independente e natural, surge e vai de acordo com as suas necessidades, sendo ao mesmo tempo singular e similar, simples e composto, individual e/ ou coletivo, múltiplo ou único. Cada indivíduo é um ser plural e não singular. É um universo, um cosmo de vida, que gera incontáveis pensamentos por segundo, com muita riqueza. O que é necessário é ter o discernimento da aplicabilidade e legitimidade de cada um destes pensamentos e assim dar vida a eles.

REFERÊNCIAS

BARREIRA SANCHEZ, Liliane. Lipman e o ensino de uma filosofia ideal. Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, [S.l.], n. 4, set. 2018. ISSN 2359-246X. Disponível em: http://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3076. Acesso em: 25 jan. 2020.

KOHAN, Walter Omar. O que você precisa saber sobre filosofia para crianças. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LELEUX, Claudine (Org.). Filosofia para crianças: o modelo de Matthew Lipman em discussão. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LIPMAN, Matthew. A filosofia vai à escola. São Paulo: Summus, 1990.

LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick S. Filosofia na sala de aula. Tradução: Ana Luiza Fernandes Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

LIPMAN, Matthew. O Pensar na Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LUCKESI, Carlos Cipriano; PASSOS, Elizete Silva. Introdução à Filosofia: aprendendo a pensar. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, v. 1, p. 23-24, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. (Org.). Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67-79.

HORN, M. G. S. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MORAIS, Ana Paula Santos de; SILVA, Ariovaldo Francisco da. A filosofia na Educação Infantil: o pensar reflexivo da criança. In: Anais do IV Congresso Internacional do Unis. Varginha, MG: Unis-MG, 2018. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/ci2018/84551-A-FILOSOFIA-NA-EDUCAÇÃO-INFANTIL--O-PENSAR-REFLEXIVO-DA-CRIANÇA. Acesso em: 13 jan. 2020.

REVISTA DO MAGISTÉRIO N° 4. Disponível em: http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/10589.pdf. Acesso em: 17 mar. 2020, 14h.

APOGUEUAD.COM.BR. Filosofia na Educação Infantil: atividades. Disponível em: https://apogeuead.com.br/filosofia-educacao-infantil-atividades/. Acesso em: 17 mar. 2020, 10h.